

A OPRESSÃO DE GÊNERO NA HISTÓRIA CANÔNICA DA FILOSOFIA MODERNA

GENDER OPPRESSION IN THE CANONICAL HISTORY OF MODERN PHILOSOPHY

Caroline Sposito¹

RESUMO: Este artigo objetiva investigar por que as mulheres não aparecem na história canônica da filosofia. Parte-se da crítica de Gayatri Spivak às narrativas históricas para demonstrar que aquilo que somos obrigados a adotar como verdade é, na realidade, uma narrativa negociada e imposta a todos com finalidade de manter o privilégio de quem é ajudado por ela. Esse é justamente o caso da história canônica da filosofia. Com a análise de Lisa Shapiro, é possível entender como esse cânone é feito com uma limitada e homogênea lista de figuras consideradas principais, fundamentado em violências estruturais da sociedade que excluem as mulheres, como é o caso de Damaris Masham. Pretende-se apresentar brevemente seu pensamento filosófico e defender que se trata de teses originais e relevantes. Além disso, propõem-se mudanças para construção de outras narrativas na história da filosofia, o que resulta na inclusão de novos nomes e perspectivas.

PALAVRAS-CHAVE: Gayatri Spivak. Lisa Shapiro. Damaris Masham. Gênero. Cânone Filosófico.

ABSTRACT: This article aims to investigate why women do not appear in the canonical history of philosophy. It starts from Gayatri Spivak's critique of historical narratives to demonstrate that what we are obliged to adopt as truth is, in reality, a narrative negotiated and imposed on everyone in order to maintain the privilege of those who are helped by it. This is precisely the case of the canonical history of philosophy. With Lisa Shapiro's analysis, it is possible to understand how this canon is made with a limited and homogeneous list of figures considered the main ones, based on structural violence in society that excludes women, as is the case of Damaris Masham. It is intended to briefly present her philosophical thought and defend that these are original and relevant theses. Furthermore, changes are proposed for the construction of other narratives in the history of philosophy, which results in the inclusion of new names and perspectives.

KEYWORDS: Gayatri Spivak. Lisa Shapiro. Damaris Masham. Gender. Philosophical Canon.

INTRODUÇÃO

As narrativas históricas, conforme Gayatri Spivak nos aponta em sua obra *Quem reivindica alteridade?*, são apenas narrativas construídas. Mais que isso, são narrativas negociadas e, posteriormente, impostas, de modo que somos todos obrigados a usá-las e tratá-las como verdadeiras. Spivak está questionando a partir de seu contexto: uma mulher da Índia pós-colonial de classe média que teve acesso à cultura e educação, apesar de não ter sido da forma mais privilegiada possível. Sua crítica visa a elite nativa de seu país, que era

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8184981064870518>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4455-3710>.

colaboracionista com os colonizadores na época do Império Britânico e, por meio do processo de descolonização, se tornou a burguesia nacional dominante atual. Essa elite teve a oportunidade de uma boa educação, o que resultou em um diaspórico pós-colonial, ou seja, em uma grande evasão de cérebros para a Europa e os Estados Unidos, graças à transformação do neocolonialismo em transnacionalismo:

Tendo firme em mente a previsibilidade do aparato cultural na sociedade transnacional, pode-se dizer que a transformação em transnacionalismo trouxe à academia euro-americana um terceiro-mundismo mais suave e mais benevolente. Isso com certeza foi um *ricorso* da abordagem basicamente conservadora das ciências sociais que acompanhou o desmantelamento inicial dos velhos impérios (SPIVAK, 2019, pp. 256-257).

Portanto, esse processo levou às potências mundiais acadêmicos do terceiro mundo mais dóceis e ciências humanas conservadoras, pois isso agradava os interesses da pós-modernidade transnacional ao produzir um “outro” confortável para eles. Esses acadêmicos criaram e criam falsas identidades nacionais por meio de métodos que não rompem formalmente com o sistema episteme dominante e opressor:

É como se os indo-americanos adultos cultos estivessem engajados na propagação de uma fantasmática herança cultural hindu (...) A diaspórica pós-colonial como informante nativa encontra aí um espaço corroborativo e protetor em seu esforço de refazer a história. Esse grupo, privilegiado na Índia como os Indianos Não Residentes (INR), consegue angariar recursos, assim como convites para dar opinião sobre a herança espiritual indiana (SPIVAK, 2019, p. 260).

Nesse sentido, ao fazer sua crítica, Spivak visa a questão que ela chama de “histórias alternativas”, que consiste justamente nas narrativas construídas por essa elite econômica e intelectual corroborativa com a episteme opressora ocidental. A filósofa considera que os quatro instrumentos para desenvolvê-las são: gênero, raça, etnicidade e classe. Ao questionar como as narrativas são construídas, Spivak diferencia escrita e leitura. Ela pretende, com isso, mostrar que há um deslocamento entre esses dois campos: “Escrever e ler (...) Entre as duas posições, há deslocamentos e consolidações, uma disjunção para conjugar um eu representativo” (SPIVAK, 2019, p. 252). Assim, apesar de narrativas de fato heterogêneas serem escritas, as suas leituras e legitimidades passam por um crivo político:

Como as narrativas históricas são construídas? (...) Produzimos narrativas e explicações históricas transformando o *socius*, onde nossa produção e escrita, em *bits* - mais ou menos contínuos e controlados - que são legíveis. Como essas leituras emergem e qual delas será legitimada são questões que têm implicações políticas em todos os níveis possíveis (SPIVAK, 2019, pp. 251-252).

Assim, com esse deslocamento entre escrita e leitura, um sujeito privilegiado em seu contexto pode ser mascarado e apresentado como um sujeito de história alternativa, desse modo: “(...) devemos refletir sobre como ele está escrito, em vez de apenas ler sua máscara como uma verdade histórica” (SPIVAK, 2019, p. 252). Portanto, de forma sucinta, podemos entender que as narrativas históricas (seja qual for) são construídas por pessoas em posição de privilégio com a finalidade de manter suas regalias.

1. NARRATIVAS E CÂNONE FILOSÓFICO

Dentre os quatro instrumentos citados por Spivak que são utilizados para construir narrativas (gênero, raça, etnicidade e classe), focaremos no de gênero para prosseguir com a presente investigação, ressaltando o fato de que se trata de uma violência situada no interior de um sistema mais amplo de violências característico do período histórico que será trabalhado. Assim, a partir da crítica de Spivak, é possível questionar o cânone filosófico, que comporta a história oficial da filosofia com suas regras, padrões e personagens. O cânone tem função pedagógica na medida em que ensina o que deve ser considerado filosofia a estudantes que leem as obras consideradas centrais, o que possibilita compreender o método, os temas e como o passado filosófico conduz ao presente filosófico. Além disso, tem também função justificatória dos interesses filosóficos contemporâneos. Entretanto, o cânone, como toda narrativa, também é negociado e construído a partir de interesses. Lisa Shapiro, em sua investigação sobre o cânone, principalmente sobre a história da filosofia moderna inicial (século XVII), enfatiza sua homogeneidade, com sete personagens principais: Descartes, Espinosa, Leibniz, Locke, Berkeley, Hume e Kant. Conforme ressalta Shapiro em seu artigo *Revisiting the Early Modern Philosophical Canon*, esforços recentes em incluir e explorar novos nomes (como Malebranche, Gassendi, Newton e Reid) explicitam a necessidade de o cânone ser discutido e repensado. Porém, é importante entender que, se tais nomes estão sendo inseridos no debate, é porque eles se enquadram na narrativa que justifica o cânone existente:

If these figures do get grip, both scholarly and pedagogical, it is because they fit easily into the narrative that drives the canonization of the seven central figures. So, the early modern canon as it stands effectively limits, if not the figures we take as important, then the storylines we take to define the history of philosophy (SHAPIRO, 2016, p. 366).

Shapiro afirma que são três aspectos fundamentais que definem o cânone. O primeiro aspecto refere-se à história causal com início em Descartes, que Shapiro ironicamente define como “(...) *a figure depicted as essentially self-caused*” (SHAPIRO, 2016, p. 368)². Ele traz o dualismo entre corpo e mente, uma metafísica inovadora para a época. A seguir, Espinosa e Leibniz, impactados por Descartes (e Leibniz também lê Espinosa), desenvolvem suas próprias teses originais, mas mantêm o fundamento do conhecimento na razão. Então Locke, apesar de também influenciado por Descartes, posiciona-se contrariamente e fundamenta o conhecimento na experiência. Berkeley e Hume, influenciados por Locke (e Hume também lê Berkeley), desenvolvem suas próprias filosofias empiristas. Essa cadeia causal chega a seu ápice em Kant, que, tendo lido todos os seus antecessores, desenvolve seu sistema filosófico evitando as falhas dos anteriores:

The intellectual causal chain of the canonical story leads inexorably to Kant as its culmination. Much is made of Kant's claim that Hume woke him from his dogmatic slumbers and so of the causal link between Hume and Kant, but it is also the case that Kant is taken to synthesize the insights of those writing in both the Cartesian and the Lockean traditions in such a way that he avoids the pitfalls of each tradition (SHAPIRO, 2016, p. 369).

Desse modo, temos, em suma, uma cadeia intelectual sobre metafísica (que coisas existem e sua causalidade) e epistemologia (nossa capacidade de saber), que ilustra justamente o segundo critério de definição do cânone: um conjunto de questões filosóficas centrais. É este ponto que possibilita as recentes tentativas de inclusão de novos nomes, pois eles trabalham exatamente com tais questões. Por fim, o terceiro critério é a escrita de uma grande obra filosófica, como se isso configurasse propriamente um gênero literário. Todos os sete filósofos canônicos escreveram tratados e partilham uma mesma forma de escrita que os legitimam. Entretanto, como destaca Shapiro: “(...) *a little reflection on philosophical classics, if not canonical texts, makes it is clear that a philosophical genre has little to do with what counts as a properly philosophical work*” (SHAPIRO, 2016, p. 379), ou seja, vários outros formatos foram adotados para escrever filosofia, como, por exemplo, os diálogos de Platão, um gênero amplamente adotado no período inicial da modernidade, inclusive por Malebranche, Berkeley e Hume. Já Montaigne inventa o ensaio, que é posteriormente utilizado por Locke, dentre outros.

² Sua ironia vem do fato de que, atualmente, como ela mesma acentua, tal concepção é questionada, dado o reconhecimento de que Descartes só conseguiu desenvolver sua filosofia devido à influência de seus antecessores. Portanto, os indivíduos que são considerados protagonistas de tal narrativa, na realidade, somente deram suas conclusões a questões que estavam sendo debatidas coletivamente em sua época.

Ante o exposto, um ponto chama atenção: por que as filósofas não estão entre as figuras canônicas? As mulheres engajadas em filosofia na modernidade eram reconhecidas em seu tempo, os próprios filósofos canônicos escutavam suas ideias, seja pela convivência, seja pela troca de correspondências. As cartas são um detalhe importante, porque, como as mulheres não tinham permissão de publicar obras, as correspondências eram um meio de expressar suas ideias. O terceiro critério de definição do cânone, visto a pouco, é também uma forma de violência sofrida pelas mulheres, porque exclui as correspondências como forma válida de expressar um pensamento filosófico. Na atual narrativa dominante do cânone filosófico, sustenta-se a ideia de que as obras e os autores foram escolhidos de forma abstrata com critérios objetivos, com a formulação, de Descartes a Kant, do sujeito pensante supostamente neutro que constitui o mundo como objeto e, pela sua própria racionalidade, possui o método de conhecimento desse objeto. Entretanto, todos estamos situados no tempo e no espaço. O conhecimento histórico é situado, assim como o pensador também é situado. Nas palavras da professora Tessa Lacerda (2023, pp. 202-203):

Em primeiro lugar, considero que a reflexão sobre a misoginia em Filosofia deve envolver necessariamente uma reflexão sobre a História da Filosofia, como ela foi construída, por quem e para quem, com que objetivos. Não creio na possibilidade de um discurso neutro – para recuperar a polêmica noção de “lugar de fala”: ninguém tem um discurso neutro, qualquer pessoa tem um discurso encarnado, situado no tempo e no espaço. Então, refletir sobre a misoginia implica necessariamente refletir sobre a História canônica da Filosofia. Onde estão as filósofas? Para além da questão sobre quem, afinal, poderiam ser essas mulheres até bem pouco tempo silenciadas em nossas academias – e sabemos que durante muitos séculos poucas mulheres tinham acesso à educação e poderiam fazer da escrita seu ofício, com exceção das mulheres oriundas da nobreza, o que coloca necessariamente uma discussão sobre as questões de classe – cabe refletir sobre o porquê desse silenciamento.

Assim, a ausência das filósofas não foi mero acaso, mas resultado de um processo de exclusão. Uma dessas mulheres foi Damaris Cudworth Masham (1659 - 1708). Apesar da falta de uma educação formal, como de praxe com as mulheres de sua época, Masham teve a oportunidade de viver em um meio acadêmico, primeiramente graças a seu pai, Ralph Cudworth, um filósofo platônico que lecionava em Cambridge, e, posteriormente, por abrigar John Locke por 14 anos em sua residência, local que morou até falecer em 1704. Locke possuía vasto acervo científico, além de receber visitas de outros pensadores, e deixou sua biblioteca pessoal de herança ao filho de Masham. Isso a possibilitou estar inserida nas discussões filosóficas, inclusive por meio de várias correspondências que trocou, por exemplo, com Leibniz, Jean Le Clerc, Philip Van Limborch, Lord Shaftesbury, além do próprio Locke. Ela

sempre teve grande curiosidade, interesse em aprender e possuía profundo conhecimento. Além disso, publicou dois tratados: *Discourse Concerning the Love of God* (1696) e *Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian Life* (1705)³.

2. A CAUSALIDADE NAS CORRESPONDÊNCIAS COM LEIBNIZ E EM *DISCOURSE CONCERNING THE LOVE OF GOD*

A troca de correspondências com Leibniz, entre os anos 1704 e 1705, ocorreu, em um primeiro momento, por Masham considerar as concepções dele e de seu pai semelhantes, assim, o enxerga como aliado para defender seu pai das acusações de ateísmo (algo negativo para o contexto social da época) feitas por Pierre Bayle⁴. Apesar da escrita com decoro e modéstia: “Talvez o facto de não estar habituada a investigações tão abstractas possa dificultar-me a compreensão daquilo que ali dizeis das *Formes*” (MASHAM, in CARDOSO e FERREIRA, 2010, p. 56), ela não se intimida em contestar o que não concorda. Defende firmemente suas concepções, faz objeções muito bem formuladas e demonstra domínio sobre o tema. Ambos rejeitam o ocasionalismo e, apesar de a hipótese de harmonia universal leibniziana (explicação que o filósofo apresenta para a causalidade entre as substâncias de maneira ideal) agradar Masham, ela considera que falta uma conceituação mais precisa:

Encontro nisto uma uniformidade que me agrada: e as vantagens propostas por esta hipótese são muito desejáveis. Mas ainda me surge apenas como uma mera hipótese; porque os caminhos de Deus não são limitados pelas nossas concepções; o carácter ininteligível ou inconcebível para nós de todos os caminhos menos um, não me convence (MASHAM, in CARDOSO e FERREIRA, 2010, p. 70).

Com isso, eles vão reconstruindo minuciosamente todo o novo sistema leibniziano, momento em que ele apresenta suas primeiras definições da mônada, ou seja, a unidade mínima explicativa da realidade. Masham se preocupa com que as explicações não sejam inteligíveis e discute a impossibilidade de conceber substâncias não extensas (como propõe Leibniz), apresentando sua própria tese materialista da substância:

Não compreendo por que pensais que não existe nenhuma substância criada completa sem extensão, ou que a alma (que supondes ser uma substância distinta) sem o corpo seria uma substância incompleta sem extensão. Mas a minha própria convicção de que

³ Ainda que suas publicações tenham sido feitas de forma anônima, dado que mulheres não podiam publicar obras na época, pode-se presumir que sua autoria era conhecida, pois, quando *Discourse Concerning the Love of God* recebeu tradução para o francês quase dez anos depois, Pierre Coste fez alusão à autora no prefácio da obra.

⁴ Pierre Bayle (1647 - 1706) foi um filósofo e enciclopedista francês.

não há nenhuma substância que seja inextensa (como já disse), funda-se no facto de não possuir qualquer concepção de tal coisa. Por agora só posso conceber duas substâncias muito diferentes existindo no universo, embora a extensão convenha igualmente a ambas. Pois concebo claramente uma extensão sem solidez e uma extensão sólida (MASHAM, in CARDOSO e FERREIRA, 2010, p. 81).

Portanto, Masham tem um pensamento filosófico forte e original⁵. Para ela, muitas concepções modernas a respeito da relação entre alma e corpo estavam equivocadas, porque acabam apelando a um abstracionismo. Assim, ela defende uma razão ordenadora da natureza. A causalidade, inclusive, é o tema central de sua obra *Discourse Concerning the Love of God*. Abandonando o decoro exigido pelas cartas, ela critica duramente o ocasionalismo, às vezes até com tom irônico, principalmente a versão de um autor que ela chama de *Mr. N.* (provavelmente John Norris⁶). O ocasionalismo afirma que as relações entre as criaturas são frutos de intervenção divina direta, isto é, correspondem às ocasiões em que Deus produz efeitos nelas. Para Norris, só percebemos as coisas e só devemos amor a Deus. Masham, por outro lado, defende a efetividade das relações causais entre os seres. Se percebêssemos em Deus todas as nossas ideias, a construção dos órgãos do sentido seria supérflua, o que limitaria a infinita sabedoria divina:

If God immediately exhibits to me all my ideas, and I do not truly see with my eyes and hear with my ears, then all that wonderful exactness and precise workmanship in designing the organs of sense seems superfluous and pointless; which is no small reflection on infinite wisdom! (MASHAM, 2017, p. 9).

Além disso, segundo Masham, quando dizemos amar as coisas criadas, é o mesmo que dizer que elas nos dão prazer e contribuem para nosso bem. Se essas coisas forem meras causas ocasionais, o papel delas em nossa vida prática desaparecerá e, conseqüentemente, desaparecerá nosso próprio amor por elas, já que passaria a ser entendido como efeito da ação divina, e não um sentimento suscitado pelas próprias coisas em nós. Tal tese tem consequências inviáveis para a vida em sociedade, pois, se apenas Deus é objeto de nosso amor, e todo o resto é causa

⁵ Masham surpreende Leibniz com seu ímpeto intelectual e independente e, quando percebe que as correspondências não ajudariam a explicar as ideias de seu pai, prontamente encerra a discussão, pois isso só levaria a promover a filosofia leibniziana. Conforme nos explica Marinho (2020, p. 487): “Leibniz teve uma breve correspondência com Lady Masham, no ano de 1704-1705, cuja finalidade seria, a princípio, uma solicitação para obter uma cópia do texto “True Intellectual System of the Universe”, de autoria de Ralph Cudworth, pai de Damaris. Sem dúvida, Leibniz sabia que Locke estava na casa de Damaris e esperava que ela mostrasse suas cartas ao seu amigo Locke e, desta forma, as respostas de Damaris Masham seriam orientadas por Locke. Parece que não aconteceu como Leibniz esperava. Algumas das críticas de Damaris, como, por exemplo, a resposta à questão da harmonia pré-estabelecida, da liberdade das criaturas e a questão de que Deus não precisava criar corpos, sem dúvida foi a resposta de uma mente independente. Ela não se aproxima das expectativas de Leibniz e, desta forma, registrava o genuíno pensamento da mulher e filósofa Damaris Masham.”

⁶ John Norris (1657 - 1711) foi um teólogo, poeta e filósofo platonista de Cambridge.

ocasional de amor, então os laços que fundam a vida social estão comprometidos: “*It is certain that if we had no desire except towards God, the various societies of mankind could not hold together for long, nor could mankind itself be continued*” (MASHAM, 2017, p. 22).

3. NEGOCIAÇÃO HISTÓRICA, EDUCAÇÃO E *OCCASIONAL THOUGHTS IN REFERENCE TO A VERTUOUS OR CHRISTIAN LIFE*

Ora, Masham atende aos critérios para pertencer ao cânone. Ela faz parte de uma cadeia intelectual, debatendo, inclusive, com personagens canônicos. Ela também trabalha as questões centrais da metafísica e epistemologia. Podemos perceber aqui o deslocamento entre escrita e leitura apontado por Spivak, pois, apesar de Masham (e outras mulheres) ter escrito sua filosofia, não é validada como uma leitura legítima. Recentemente, iniciou-se um esforço em resgatar e pesquisar essas mulheres apagadas da história da filosofia. É importante ressaltar que, se essas mulheres fizeram parte desse seleto grupo intelectual, é devido a seus privilégios de classe (nobreza) e raça (branca), além de também pertencerem ao sistema epistêmico dominante (europeu). Tais privilégios não podem ser esquecidos, afinal, uma opressão está interligada a outra, porém, há abrangências diferentes. Assim, se na presente discussão de fazer uma história alternativa da filosofia utilizamos o instrumento de gênero, é necessário evidenciar como os demais instrumentos estão sempre presentes, o que, de forma alguma, diminui a importância de inserir tais mulheres na história⁷. Portanto, como disse muito bem Pugliese (2020, p. 420): “(...) a existência de obras escritas por mulheres na história da filosofia é uma questão de fato e que o resgate é uma questão de direito”.

Refazer a história, como aponta Spivak, consiste em um persistente e difícil trabalho de negociação com as estruturas que produziram o indivíduo como agente da história, superando as falsas narrativas estabelecidas como o relato do real, em que o entusiasmo e a convicção não podem ser as únicas garantias de mudanças, por isso, ela propõe uma estratégia por meio da educação baseada nas narrativas emancipatórias:

⁷ A inserção de mulheres na história não se justifica apenas por serem mulheres, como um modo de fazer justiça social, mas explicita a parcialidade de um currículo que transmite de forma distorcida e empobrecida a história da filosofia, assim: “(...) não há como defender um adequado ensino de filosofia quando uma parte significativa de seus participantes não está presente nas disciplinas cuja pretensão é retratá-la. (...) as filósofas foram excluídas e que sua integração no ensino opera como uma das condições para transmitir um conhecimento menos enviesado dos desdobramentos históricos. Ou seja, se trata, na verdade, de uma questão de rigor teórico” (VACCARI, 2025, pp. 8-9).

Em certo sentido, nosso objetivo é fazer com que as pessoas estejam prontas para ouvir. (...) é ainda apenas a educação institucionalizada nas ciências humanas que pode fazer com que, a longo prazo e coletivamente, as pessoas queiram escutar. Até onde sei, a única chance de se refazer (a disciplina da) história está nesse nada glamoroso, e muitas vezes tedioso, registro (SPIVAK, 2019, p. 261).

Shapiro, em sua tentativa de negociação para reconstruir o cânone⁸, propõe uma outra história causal, o que possibilita a introdução de outras personagens e produção de uma história alternativa na narrativa da história da filosofia: “(...) attending to historical context we can do more than simply reframe well-established questions; we can recognize philosophical questions that contemporary philosophy is neglecting and so can open up new lines of contemporary inquiry” (SHAPIRO, 2016, p. 373). Ora, o desenvolvimento intelectual significativo da modernidade não se resume às questões filosóficas citadas anteriormente, existiam outras sendo trabalhadas que são ignoradas pela contemporaneidade no momento de estabelecer o cânone, como é o caso das investigações sobre a mente humana. Descartes, Locke, Espinosa e Leibniz já discutiam sobre isso. Mesmo que os mesmos nomes centrais se mantenham, uma sutil mudança nas questões já possibilita incluir novas figuras heterogêneas, como Marie De Gournay⁹ e Anna Maria van Schurman¹⁰. Os debates acerca da mente humana estavam vinculados às discussões sobre a racionalidade das mulheres e modelos de educação (tema que, como acabamos de ver, Spivak deposita grande importância):

Framing the philosophical questions in this way has resonance with a set of very lively debates about the rationality of women in the period. From the late thirteenth century, one can trace the so-called querelle des femmes, or debate on women, through a series of texts alternating arguments that women are inferior to men, less rational, more vicious, with those defending women as superior, closer to wisdom and virtue. In the seventeenth century, that debate seems to reach a turning point: for the first time there are arguments for the equality of men and women. These arguments turn on claims about education (SHAPIRO, 2016, p. 374).

A educação é justamente uma outra questão trabalhada por Masham, que se envolveu ativamente na educação das mulheres, principalmente a educação religiosa, como podemos ver

⁸ Shapiro não descarta a importância do cânone no currículo para a formação dos estudantes, o que ela defende é uma ampliação e diversificação dos temas e dos pensadores estudados: “First, nothing in what I have argued requires dismissing or failing to take up currently canonical texts. (...) Rather, in directing attention to new figures and new texts, we can not only gain insight into the logical space of answers to currently central philosophical questions, but we can also rethink how we frame those questions. Asking questions in new ways enriches how we think about our discipline, our own research, and equally how we share those thoughts with students; thus, it can help us reinvigorate the history of philosophy and ensure the continued vigor of the discipline as a whole” (SHAPIRO, 2016, pp. 380-381).

⁹ Marie De Gournay (1565 - 1645) foi uma filósofa e escritora francesa defensora da igualdade e educação das mulheres.

¹⁰ Anna Maria van Schurman (1607 - 1678) foi uma poeta, pintora e filósofa holandesa. Foi a primeira mulher a se tornar estudante universitária na Europa.

em sua obra *Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian life*. Para a filósofa, a educação possui extremo poder e importância, sendo decisiva na prosperidade dos reinos. Ela argumenta que as mulheres, assim como os homens, possuem alma racional e imortal que precisa de salvação, desse modo, a educação é fundamental para transmitir as verdades sagradas. Além disso, na época, a função de educar as crianças era das mães, que só poderiam instruir bem se, anteriormente, tivessem recebido uma boa educação também:

Since the actual assistance of Mothers, will (generally speaking) be found necessary to the right forming of the Minds of their Children of both Sexes; and the Impressions receiv'd in that tender Age, which is unavoidably much of it passed among Women, are of exceeding consequence to Men throughout the whole remainder of their Lives, as having a strong and oftentimes unalterable influence upon their future Inclinations and Passions (MASHAM, 2004, p. 15).

Como visto, Masham é contra o abstracionismo de sua época. Dessa maneira, considera que a religião não é contrária à razão. As verdades religiosas são passíveis de investigação, e a Bíblia deve ser explicada racionalmente, pois a falta de instrução ou a instrução irracional podem levar ao ceticismo:

These two things, viz. a rational assurance of the Divine Authority of the Scriptures, and a liberty of fairly examining them, are absolutely necessary to the satisfaction of any rational Person, concerning the certainty of the Christian Religion, and what it is that this Religion does consist in (MASHAM, 2004, p. 44).

O tom sólido e irônico se faz presente novamente: “*But the Knowledge hitherto spoken of has a nobler Aim than the pleasing of Men, and begs only Toleration from them*” (MASHAM, 2004, p. 163). Masham afirma que privar as mulheres de educação é forma de controle e poder e, além disso, contra os princípios cristãos: “*(...) it is evident that they who think so much knowledge, as that, to be needless for a Woman, must either not be perswaded of the Truth of Christianity; or else must believe that Women are not concern'd to be Christians*” (MASHAM, 2004, p. 134). Ademais, as mulheres precisam reconhecer a opressão em que vivem e a necessidade de sua educação: “*But what is here said implying that Ladies should so well understand their Religion, as to be able to answer both to such who oppose, and to such who misrepresent it*” (MASHAM, 2004, p. 134). Diante disso, é possível observar seu engajamento na filosofia política, pois ela critica as estruturas prejudiciais ao bom funcionamento social e expõe como os seres humanos deveriam agir em vista de uma melhor vida em comunidade. Ela defende que todos nascemos para contribuir com o bem comum, e não viver ociosamente desfrutando do esforço alheio: “*(...) answerably to that Station wherein God (the common*

Father of all) has plac'd them; who has evidently intended Humane kind for Society and mutual Communion, as Members of the same Body, useful every one each to other in their respective places” (MASHAM, 2004, p. 145).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a história canônica da filosofia é uma narrativa negociada, assim como todas as narrativas, conforme nos explica Spivak. Tal cânone foi imposto pela episteme dominante como única forma de saber legítimo. Nesse sentido, para ser considerado um grande filósofo, como demonstra Shapiro, é preciso desenvolver pesquisas de acordo com os padrões estabelecidos, escrever de determinada forma sobre determinadas questões e fazer parte de uma cadeia causal intelectual. Essa narrativa é fundamentada nas violências estruturais da sociedade de cada época, com exclusões de gênero, raça e classe, visto que os personagens canônicos são todos homens brancos europeus da nobreza. Sendo assim, as mulheres, por mais que resistissem e se inserissem nos ambientes intelectuais, debatendo e desenvolvendo suas próprias teses dentro dos critérios canônicos, tiveram seus feitos completamente apagados. Esse é o caso de Masham, que trata da questão epistemológica do conhecimento e da questão metafísica da causalidade. A filósofa apresenta domínio sobre os assuntos, não se intimida nos debates e propõe teses originais. Ela faz críticas duras e concisas contra o ocasionalismo e qualquer outra filosofia moderna que apela à abstração. Defende uma concepção materialista da substância, uma interação efetiva entre as criaturas e uma razão ordenadora da natureza, em que Deus e a verdade divina devem ser compreendidos racionalmente. Além disso, defende a educação das mulheres e propõe uma teoria política para que a vida em sociedade seja viável.

À vista disso, é imprescindível negociarmos as narrativas históricas e propormos histórias alternativas, tanto como forma de justiça para se fazer ouvir as vozes silenciadas dessas filósofas, como também um rigor acadêmico de estudar adequadamente a história da filosofia. Diante do cânone, além de reenquadrar as questões já bem estabelecidas, pode-se reconhecer questões filosóficas ignoradas pela filosofia contemporânea, o que abre novas linhas de investigação e traz novos e heterogêneos nomes para uma posição de destaque. Não devemos ignorar o cânone, ele tem grande importância, oferecendo um currículo comum como ponto de interação dos mais diversos estudantes, além de apresentar questões ainda pertinentes à contemporaneidade. Mas é possível construir novas narrativas, dar espaço e valorizar novas perspectivas, questionar novos aspectos, enxergar de outros pontos de vista, compreender

melhor cada feito de nosso universo, o que impulsiona os estudos filosóficos e a sociedade de modo geral. Além disso, quando essas filósofas são resgatadas, as mulheres da contemporaneidade são incentivadas também a falar, a questionar, a resistir, a ser. A diversidade só tende a nos enriquecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Adelino e FERREIRA, Maria. **Correspondência entre G. W. Leibniz e Lady Masham**. Tradução de Helena de Jesus e Teresa Tato Lima. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010.

LACERDA, Tessa. *Sobre Lady Masham e alguns pensamentos ocasionais sobre o cânone em filosofia moderna*. In: **Seiscentos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2021, pp. 40-58. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/seiscentos/article/view/47929>. Acesso em: 05 fev. 2025.

LACERDA, Tessa. *O século XVII e o debate contra a misoginia: história, violência e resistência*. In: **Discurso**, São Paulo, Brasil, v. 53, n. 1, p. 196–210, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/discurso/article/view/213920>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MARINHO, Arthur. *DAMARIS CUDWORTH MASHAM E A CONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA MODERNA*. In: **Revista Ideação**, Campina Grande, v. 1, n. 42, 2020, pp. 481-498. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i42.5070>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MASHAM, Damaris. **Occasional Thoughts in Reference to a Vertuous or Christian life**. [E-book versão online]. The Project Gutenberg, EBook #13285. 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/13285>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MASHAM, Damaris. **A Discourse concerning the Love of God**. [E-book versão online]. Copyright © Jonathan Bennett. 2017. Disponível em: <https://www.earlymoderntexts.com/assets/pdfs/masham1696.pdf>. Acesso em: 05 fev. de 2025.

PUGLIESE, Nastassja. *Sobre o resgate de obras filosóficas escritas por mulheres e algumas implicações pedagógicas*. In: **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 418–444, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/philia/article/view/104438>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SHAPIRO, Lisa. *Revisiting the Early Modern Philosophical Canon*. In: **Journal of the American Philosophical Association**, Cambridge, v. 2, n. 3, 2016, pp. 365 - 383. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-the-american-philosophical-association/article/revisiting-the-early-modern-philosophical-canon/7F34E77AD345D08D3E787BBD81ADA82A>. Acesso em: 05 fev. 2025.

SPIVAK, Gayatri. *Quem reivindica alteridade?* Tradução de Patricia Silveira de Farias. In: HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista. Conceitos fundamentais**, Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, pp. 251-268.

VACCARI, Rafaela. *Notas para um ensino de filosofia desde o ponto de vista feminista*. In: **Revista Digital de Ensino de Filosofia - REFiló**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e6/01–25, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/89831>. Acesso em: 27 ago. 2025.